

Rolagem de títulos ficou prejudicada

Aumento do risco Brasil dificulta emissão de papéis privados e públicos

Fabio Seixo/31-03-2000

Valderez Caetano

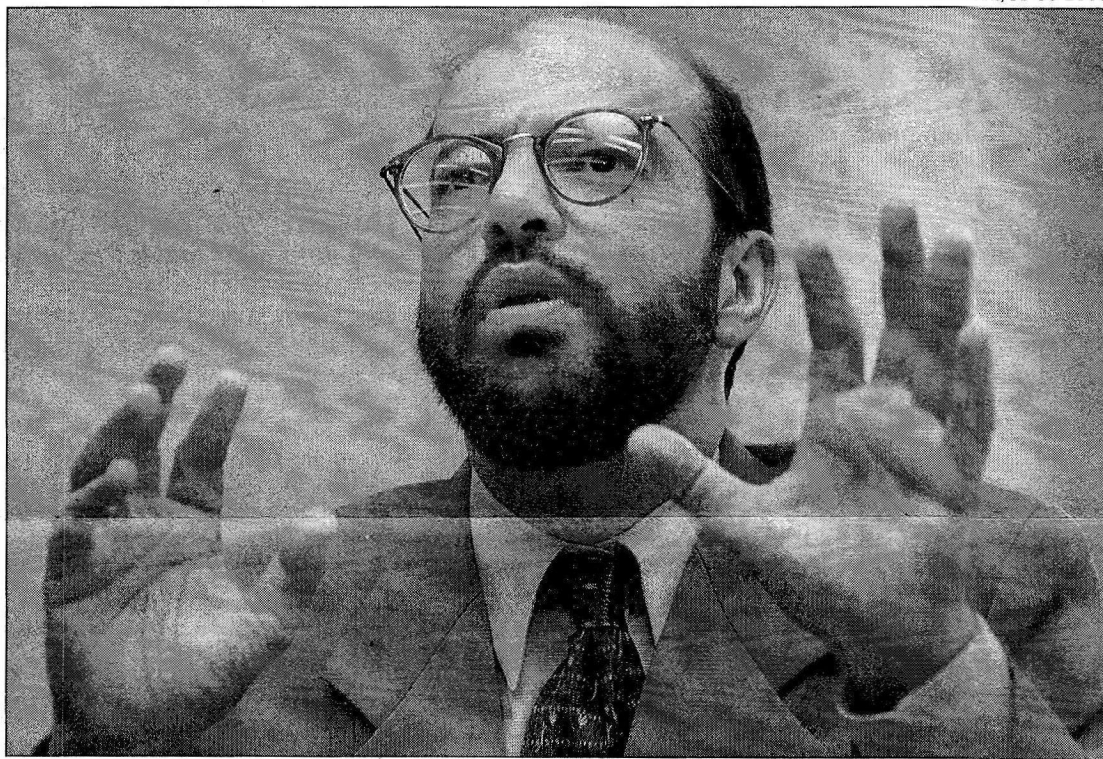
• BRASÍLIA. Na avaliação dos economistas do governo, a insegurança que varreu o mercado nas últimas três semanas, depois que alguns bancos rebaixaram os títulos da dívida externa brasileira, trouxe alguns arranhões para a economia real, mas nada que coloque em risco, a curto prazo, a inflação, os investimentos diretos e as metas fiscais do governo.

Para economistas de dentro e fora do governo, no entanto, o primeiro reflexo das idas e vindas do dólar e das bolsas já foi observado num dos pilares da política fiscal: a rolagem da dívida pública. O Tesouro Nacional deixou de captar R\$ 25 bilhões para financiar a dívida, porque o mercado vem pedindo prazos de vencimento menores e juros maiores para os títulos públicos.

Vencimentos em junho chegam a US\$ 1,8 bilhão

Além disso, a chance de empresas e bancos rolares suas dívidas diminuíram depois da elevação do risco Brasil, que está na casa dos 9% (nove pontos percentuais acima da taxa dos títulos americanos). A preocupação aumenta com a proximidade de junho, quando empresas e bancos terão que pagar compromissos no exterior que chegam a US\$ 1,8 bilhão.

A equipe econômica está consciente de que, se os fatos políticos continuarem a afetar a economia, os fundamentos podem ser contaminados até as eleições, colocando em risco, principalmente, a meta de inflação e o prazo de rolagem



GESNER OLIVEIRA: a política fiscal, a inflação e os investimentos diretos ainda são muito favoráveis

da dívida. Atualmente, o prazo médio é de 36 meses.

O secretário-adjunto do Tesouro Nacional, Rúbens Sardemberg, responsável pela administração da dívida pública, reconhece que os investidores estão mais exigentes. No leilão de títulos prefixados feito na última terça-feira para papéis com vencimento em abril do ano que vem, eles pediram juros de 20,5%, contra 19,5% na semana anterior.

— Não podemos dizer que o movimento do mercado tenha afetado os fundamentos. Mas as taxas estão mais altas e, na última terça-feira, deixamos de colocar papéis para 2003, porque o prêmio pedido pelos investidores era alto — disse Sardemberg.

A equipe econômica tem

montada uma estratégia para contra-atacar as futuras turbulências. O BC pode aumentar a oferta das operações de *swap* cambial (as operações em papéis públicos que ficam protegidas da desvalorização do real), para dar maior confiança aos investidores em caso de crise. Os gestores da dívida pública não podem relaxar. O Tesouro tem R\$ 38 bilhões de dívida indexada ao dólar vencendo até outubro.

Quem está fora do governo também fica atento. O economista Guido Mantega, um dos coordenadores do programa econômico do pré-candidato Luiz Inácio Lula da Silva, teme que esses movimentos na economia provoquem uma situação mais desfavorável para o próximo governo.

— Se continuarem os altos e baixos, boataria e tudo mais, o país acaba tendo prejuízo. Isso também representa um atraso na recuperação econômica lá na frente — disse Mantega.

O professor da Fundação Getúlio Vargas, economista do PSDB e ex-presidente do Conselho Administrativo de Defesa Econômica, Gesner Oliveira, acredita que o termômetro da economia são a política fiscal, a inflação e os investimentos diretos, que até agora são muito favoráveis. Mas, diz ele, o clima de insegurança não é bom.

— O nervosismo acaba afetando a economia, porque aumenta o prêmio de risco do país e as taxas de juros, piorando os fundamentos — disse Gesner Oliveira. ■